



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**Experiência de Associativismo Agrícola: O caso da Associação Agrícola 25 de  
Setembro, Infulene na Província de Maputo**

Candidata: Marciana Vicente Machaieie

Supervisor: Doutora Margarida Paulo

Maputo, Novembro de 2022

**Experiência de Associativismo Agrícola: O caso da Associação Agrícola 25 de  
Setembro, Infulene na Província de Maputo**

Trabalho de Culminação de Estudo na modalidade de projecto de pesquisa  
apresentado em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de  
licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de  
Letras e Ciências Sociais

**Candidata**

---

Marciana Vicente Machaieie

**Supervisora**

---

**Presidente**

---

**Oponente**



**Declaração de honra**

Declaro por minha honra que o trabalho de licenciatura cujo tema é “Experiencia de associativismo agrícola” aqui apresentado é da minha autoria, e é fruto da minha dedicação e empenho individual, e os resultados obtidos constituem uma realidade.

Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição para obtenção de qualquer grau acadêmico.

**Assinatura**

---

Marciana Vicente Machaieie

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus pais, Vicente Machaieie (*em memória*) e Laura Mate pelos ensinamentos, dedicação e amor incondicional.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, pelo dom da vida, pela saúde, força e disposição que me permitiu frequentar a faculdade até ao trabalho de final de curso. Sem ele, não seria impossível.

A minha supervisora Doutora Margarida Paulo, pela paciência e sábia orientação do meu trabalho, bem como pelo excelente desempenho pedagógico do seu papel de supervisora.

A todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) pelas aulas ministradas e pela ajuda no pensamento científico e metodológico.

A todas as pessoas entrevistadas que contribuíram com as suas experiências para a concretização deste trabalho.

A turma de Antropologia (2017), em particular aos membros do meu grupo de estudo, pelo encorajamento e pela amizade. Aos colegas Januário Sarcuchepa, Lucrecia Huo, e Inocência Chovela.

Por último, mas não menos importantes pelo significado primordial que têm na minha vida, um particular agradecimento à minha família restrita, em especial, ao meu esposo Armando Manuel Taula, à Caldina, Aylton e Crystian (nossos filhos) e a Énia (sobrinha), por tudo quanto fizeram e passaram para que o meu trabalho se tornasse realidade e pelos sacrifícios consentidos para que eu atingisse este patamar académico.

### **Lista de Abreviaturas**

AG	Assembleia-Geral
CG	Comissão de Gestão
CF	Conselho Fiscal
CMCM	Conselho Municipal da Cidade de Matola
DAA	Departamento de Arqueologia e Antropologia
FLCS	Faculdade de Letras e Ciências Sociais
RA	Registo Académico
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

## **Resumo**

Este trabalho tem como objectivo compreender as experiências do associativismo agrícola no bairro de Infulene, na província de Maputo, olhando para o processo da entrada dos membros na associação, as motivações e os benefícios que encontraram/encontram enquanto membros da associação. Os resultados do estudo mostraram que os entrevistados têm a agricultura como base da sua subsistência e, entraram na associação como forma de adquirir recursos de natureza agrícola para a prática da agricultura. A criação da associação está ligada a um processo histórico, uma vez que a sua criação tem as suas razões com base nas estratégias de desenvolvimento adoptada pelo Estado no âmbito da política de socialização do campo. Antes de entrarem na associação, para além de praticar a agricultura, os membros tinham outras actividades. As actividades vão desde electricistas, empregados domésticos, vendedores, mecânicos e “biscateiros”. A agricultura praticada por eles tinha como foco o auto consumo e a venda era feita sempre que tinham maiores excedentes para tal. A produção obtida na associação serve para a subsistência e restante da produção para vender. Assim, a associação desempenha um papel importante na vida dos agricultores. Os dados desta pesquisa permitem contrariar a ideia segundo a qual, a entrada das pessoas na associação, onde passam a praticar uma agricultura associativa, virada ao mercado, as mesmas deixam as práticas antigas para aderir novas.

**Palavras-chave:** Associativismo agrícola, agricultura urbana, Maputo-Moçambique

## Índice

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Lista de Abreviaturas.....	iv
Resumo.....	v
1. Introdução.....	1
1.1. Justificativa.....	1
1.2. Estrutura do trabalho.....	2
2. Revisão da literatura.....	3
2.1. Associativismo agrícola no mundo.....	3
2.2. Associativismo agrícola na África Austral.....	4
2.3. Associativismo agrícola em Moçambique.....	6
2.4. Problemática.....	8
3. Metodologia.....	10
3.1. Etapas da realização da pesquisa.....	10
3.2. Instrumentos de recolha de dados.....	11
3.3. Acesso aos informantes.....	12
3.4. Análise dos dados.....	12
3.4. Considerações éticas.....	12
3.5. Constrangimentos do trabalho de campo e superação.....	13
3.6. Caracterização da área de estudo.....	13
4. Análise e interpretação dos dados.....	15
4.1. Perfil dos participantes da pesquisa.....	15
4.2. Processo de criação e constituição da associação.....	16
4.3. Modo de vida dos membros antes de entrar na associação.....	17
4.4. As motivações dos membros na entrada a associação.....	20
4.5. As práticas novas na vida dos membros da associação.....	24
4.6. Percepção dos moradores sobre a associação.....	27
5. Considerações finais.....	30
Referências Bibliográficas.....	32
Apêndice.....	35



## **1. Introdução**

Este trabalho tem como tema, “Experiência de associativismo agrícola: O caso da Associação Agrícola 25 de Setembro, Infulene na província de Maputo”. O trabalho enquadra-se no âmbito dos requisitos parciais para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS).

Segundo Canterle (2004) as associações agrícolas contribuem para potencial emancipação e o desenvolvimento de qualquer comunidade ao articular o pontual com o abrangente. O seu fomento constitui a pedra angular do desenvolvimento local cuja problemática está em captar as contradições e organizar as pessoas, uni-las e engajá-las harmoniosamente em torno de interesses comuns, dando atendimento às suas necessidades colectivas e individuais.

Por sua vez, Valá (2002) mostra que as associações agrícolas podem desenvolver um papel fundamental na construção e gestão de infra-estruturas locais, inovação tecnológica e disseminação das experiências e informações tecnológicas, prestação de serviços de extensão, assistência técnica e manutenção, organização da formação educacional e treino profissional, protecção do direito de posse e uso da terra e da qualidade do solo e do meio ambiente, organização do acesso ao crédito e mobilização de recursos locais, públicos, negociações dos preços e dos produtos agrários, expansão da rede comercial e de transporte.

O trabalho teve como objectivo geral: Compreender as experiências vivenciadas pelos membros da associação, olhando para o processo da entrada dos mesmos na associação, as motivações e os benefícios que encontraram/encontram enquanto membros da associação. Especificamente o estudo procurou: identificar o perfil dos participantes; analisar o modo de vida dos membros antes e depois de entrarem na associação; descrever as motivações dos membros na associação; analisar as práticas introduzidas na vida das pessoas entrevistadas ao entrarem na associação; descrever as percepções dos moradores de Infulene sobre a importância da associação na comunidade.

### **1.1. Justificativa**

O interesse de realizar um trabalho na associação agrícola deu-se quando escutei uma conversa, entre duas mulheres, durante uma caminhada para casa, a volta da faculdade.

Durante esta conversa, uma das mulheres referiu que a prática da agricultura tem sido complicado para ela, devido a falta de recursos de natureza agrícola, como insumos, água para irrigação entre outros. A outra mulher mencionou que para ela é fácil praticar agricultura, porque pertence a uma associação, e consegue ter apoio desses recursos. Foi com base nesta conversa, que me marcou e tive interesse em compreender sobre as associações agrícolas no meio urbano.

A existência de associações na província de Maputo é uma realidade. Só no bairro de Infulene estima-se que existem de 10 associações (Governo da província de Maputo, 2021). De acordo com Fernandes (1994), as organizações da sociedade civil visam à produção de bens e serviços públicos, buscam responder às necessidades colectivas e ao bem-estar social, assim, a participação dos cidadãos nos movimentos associativos é importante para a democracia e fortalece a sociedade civil, dando espaço a uma relação entre Estado e sociedade. A contribuição do associativismo, nesse caso agrícola, com toda liderança para planeamento, organização e controle, é uma forma estratégica de promoção do desenvolvimento local.

## **1.2. Estrutura do trabalho**

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. Depois da introdução, o segundo capítulo discute a literatura sobre associações de agricultores no mundo, na África Austral e em Moçambique. O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adoptados para a realização deste trabalho, a saber, as técnicas usadas, as questões éticas e os constrangimentos encontrados durante a realização da pesquisa. O quarto capítulo apresenta os resultados da pesquisa em seis subcapítulos, i) O perfil dos membros da associação; ii) Processo de criação e constituição da associação; iii) Modo de vida dos membros antes de entrar na associação; iv) As motivações dos membros na entrada a associação; v) As práticas novas na vida dos membros da associação; vi) Percepção dos moradores sobre a associação. E por último, o quinto capítulo, apresenta as considerações finais do trabalho. Iremos prosseguir com a apresentação do capítulo referente a revisão da literatura.

## **2. Revisão da literatura**

Neste capítulo apresenta-se a discussão sobre o associativismo no sector agrícola no mundo, na África Austral e em Moçambique. Iniciaremos com a revisão sobre o associativismo no mundo.

### **2.1. Associativismo agrícola no mundo**

As abordagens sobre o associativismo agrícola no mundo estão focalizadas na compreensão das políticas públicas no apoio aos pequenos agricultores filiados nas associações agrícolas (Sangalli, 2014; Fagotti 2017; Araújo 2016; Homero, 1988; Pereira, 2013).

Um estudo realizado por Sangalli (2014) analisa os mecanismos relativos ao associativismo e sua manifestação no assentamento rural da Lagoa Grande no Mato Grosso do Sul, Brasil. O autor indicou que várias deficiências no assentamento poderiam ser amenizadas ou sanadas com uma maior actuação da associação de moradores. Pode-se depreender que a participação do Estado é fundamental para o desenvolvimento da cooperação em assentamentos rurais, por meio da implementação de políticas públicas capazes de viabilizar as novas formas de produção agrícola, contemplando a capacitação dos assentados, a disponibilidade de assistência técnica, a pesquisa e a comercialização.

Homero (1988) analisa o associativismo agrícola, recorrendo a questão do associativismo/cooperativismo. Os resultados da pesquisa indicam que as cooperativas constituem um processo de organização humana que visa contribuir para melhorar as condições de vida da comunidade em que se institucionalizam. Para o autor, as cooperativas tem surgido sobretudo pela vontade de governos esclarecidos que neles tem encontrado uma das formas mais válidas para apropriar e dinamizar a política de desenvolvimento que pretendem levar a cabo. Assim, as instituições duma comunidade contribuem positivamente para o seu desenvolvimento, para a melhoria das condições de vida da população, e é necessário que todas elas aceitem como valores fundamentais da sua existência os valores em que se alicerça a concepção de uma melhor condição de vida.

As políticas públicas do associativismo no Brasil indicam haver possibilidade de proporcionar uma via alternativa de comercialização que garante renda. O autor refere que os aspectos subjectivos do processo produtivo, como a cooperação, a comunicação,

a ajuda mútua e a reciprocidade deixam de ser consequência e passam a ser condição de inserção produtiva. Deste modo, o associativismo caracteriza-se pela mobilização de processos de comunicação e de cooperação para a construção de possibilidades políticas, sociais, económicas e simbólicas (Fagotti, 2017).

O associativismo e agricultura familiar foi explorado por Araújo (2016) na cidade de Castro no Chile. Os resultados do estudo mostram que a presença das dimensões analisadas, mas também as suas relações e efeitos proporcionados pela economia solidária e o desenvolvimento sustentável para agricultura familiar. O autor refere ainda que a associação se fortaleceu com a economia local e/ou desenvolvimento local pela retenção do capital investido pela prefeitura municipal de Castro. Pode-se depreender que a contribuição que a economia solidária oferece para a associação refere-se ao fortalecimento da agricultura familiar com a economia local e/ou desenvolvimento local pela retenção do capital investido pela Prefeitura oriundo do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) dentro da própria região.

Um estudo levado a cabo por Pereira (2013) sobre o papel das associações agrícolas para o desenvolvimento rural, constatou que os indivíduos filiados à associação agrícolas não se sentiam ligados a associação por laços suficientemente fortes de pertença. Este facto torna a associação estranha e distante dos seus membros e os únicos factores de envolvimento dos camponeses na vida da mesma é a possibilidade de protecção e da segurança bem como a posse de terra. Na associação, verificava a fraca dinâmica interna e organizacional dos órgãos directivos, a fraca interacção destes com os restantes membros da associação, a reduzida participação dos camponeses na vida da associação como condição essencial para o seu funcionamento, a falta de sustentabilidade e a crescente dependência desta face aos recursos externos para o seu funcionamento.

## **2.2. Associativismo agrícola na África Austral**

Os estudos sobre o associativismo agrícola na África Austral abordam a questão do papel das mesmas no combate a fome nas comunidades locais, e focalizam nas análises de organizações e cooperativas, tanto de produção como de concepção de créditos.

Saka (2021) analisa o carácter educativo do associativismo agrícola numa localidade de Malawi. O autor refere que os indivíduos envolvidos no associativismo aprendem a cultura de valores baseados na troca constante de conhecimentos entre indivíduos

envolvidos. O autor afirma que esses valores são opostos ao capitalismo que incentiva a concorrência entre os indivíduos. Assim, a solidariedade conduz ao desenvolvimento da sociedade, todavia, a liberdade aparece como um valor intrínseco no quotidiano do trabalho da cooperativa, evidenciando que a liberdade de trabalhar em cooperativas significa uma grande mudança da vida das mulheres no sentido de serem mais valorizadas como pessoas, sendo que antes da formação das cooperativas não tinham essa abertura no seio comunitário.

O papel das associações no sector agrícola na erradicação da fome nas comunidades no Zimbabwe é reflectido por Bratton (2010). Os resultados da pesquisa indicam que a análise institucional da crise alimentar em África deve ir para além da preocupação com o funcionamento dos estados e mercados centrais. O autor refere que a acção colectiva entre os pequenos agricultores é um complemento necessário a intervenção externa, uma vez que os grupos de agricultores melhoram o acesso aos bens domésticos e serviços agrícolas para seus membros. O autor relata também o efeito da organização dos agricultores na produção de alimentos no Zimbabwe. Deste modo, a produção de milho no Zimbabwe deve-se em parte as iniciativas dos pequenos agricultores para se organizarem.

Um estudo realizado por Kachule (2017) compreende as organizações de agricultores no acesso ao mercado no Malawi. O autor discute também sobre questões que afectam os agricultores. Os resultados do estudo mostram que o governo de Malawi tem procurado facilitar o acesso dos agricultores a oportunidades de negócios e para o envolvimento rentável com a população rural. E que também o governo tem facilitado para que os agricultores tenham melhor acesso à insumos e mercados de produção. Pode-se depreender que a entrada das pessoas nas associações é movida pelo acesso de vários recursos para a prática da agricultura, acesso a mercados de produtos, habilidades técnicas em utilidades agrícolas lucrativas são os principais impulsionadores da adesão dos agricultores a organizações.

Magreta e Magombo (2010) analisam sobre as dificuldades passadas pelos agricultores e suas motivações na entrada das organizações agrícolas. Os resultados do estudo mostram que muitos agricultores africanos são limitados pelo acesso precário e insumos e mercados de produção, habilidades empresariais limitadas para agregar valor para produzir e negociar melhores preços, e também limitados na habilidade técnica na

produção agrícola. Assim, as organizações de agricultores abrem oportunidades para os agricultores superarem melhor as resistências das dificuldades perpassadas por meio de acção colectiva.

Por sua vez, Michel (2012) examina o papel das associações no sector agrícola no desenvolvimento das comunidades locais em Zimbabwe. Os resultados do estudo mostraram que o associativismo agrícola é uma estratégia de desenvolvimento local evidente naquele contexto e pode ser ainda potencializada para que atinja melhores níveis. Pode-se depreender que a agricultura figura no leque das actividades económicas levadas a cabo pela população como a mais praticada, mas foi possível observar e constatar que poucas acções ou estratégias de desenvolvimento são implementadas para alavancar os pequenos produtores.

### **2.3. Associativismo agrícola em Moçambique**

Os estudos sobre o associativismo agrícola em Moçambique focalizam o associativismo como uma ferramenta para o desenvolvimento agrícola. Estes estudos apelam para uma maior intervenção do governo na criação de políticas públicas que apoiam este sector. Fonseca (2016) explora o associativismo agrícola no contributo da economia solidária e no processo de desenvolvimento local, no distrito de Boane, província de Maputo. O autor percebeu os mecanismos de estabelecimento de redes de cooperação e solidariedade dos associados. Os resultados do estudo mostraram que o associativismo agrícola é uma estratégia de desenvolvimento local evidente no distrito, e pode ser ainda potencializada para que atinja melhores níveis. Deste modo, as associações agrícolas constituem o elemento chave para a redução da pobreza, por ser instituições importantes no processo de desenvolvimento local. As associações dos pequenos produtores, através de formas de organização de trabalho com recursos a mecanismos de estabelecimentos de redes de cooperação e de solidariedade têm criado novos paradigmas de desenvolvimento local.

Alegre (2012) analisa o papel das associações agrícolas no desenvolvimento comunitário no distrito de Boane, tomando as cooperativas 25 de Setembro e Agropecuária de Campoane. A autora afirma que as associações agrícolas contribuem para o desenvolvimento comunitário através de prestação de serviços, capacitação institucional, promoção de pequenas e médias empresas (PMEs), participação em grupos e redes sociais, disseminação e partilha de informação, promoção de

solidariedade e confiança entre actores do desenvolvimento comunitário, mobilização comunitária, e participação comunitária, apesar de vários constrangimentos e desafios que as associações agrícolas enfrentam. Assim, as associações agrícolas jogam um papel importante no desenvolvimento local, especificamente no distrito de Boane. A autora apela o maior envolvimento do governo e das ONGs para apoiarem essas organizações.

Um estudo realizado por Jussar (2014) analisa sobre o associativismo agrícola, e o desenvolvimento local, virado fundamentalmente para a questão das motivações que fazem com que os camponeses se filiem à associação, a sua relação com o desenvolvimento local. Os resultados da pesquisa apontam que os associados para além dos benefícios sociais auferem benefícios económicos pela sua participação em grupos na associação. O autor afirma que a associação é uma instituição que promove a participação e aproximação entre os camponeses. Esta aproximação permite enriquecer os laços sociais por eles criados, bem como, possibilitar que os associados desenvolvam conhecimentos sobre a actividade que praticam através de troca de experiências, partilha de técnicas por eles aprendidas. Deste modo, os camponeses se filiam a associação com o objectivo fundamental de melhorar a sua vida, pese embora se verifica alguma mudança na vida do camponês associado, a associação não contribui para o desenvolvimento da comunidade.

Um estudo realizado por Manhiça (2019) analisa as intervenções que criam a “Associação com Enxada na Mão há Vida”, no bairro de Massaca, distrito de Boane. Os resultados do estudo mostram que o governo, e outras instituições não-governamentais, através de projectos agrícolas, têm incentivado os agricultores a produzirem com vista a melhorarem a qualidade de vida dos mesmos. Estas intervenções visam a transformação da “agricultura de subsistência” numa agricultura cada vez mais orientada para o mercado, e proporcionando uma maior competitividade dos agricultores. Assim, o associativismo no sector agrícola tem sido o apelo governamental e das ONG ao agronegócio, que constituem o incentivo na prática de uma “agricultura comercial” em contraste a “agricultura de subsistência”.

Boaventura Mubai (2014) realizou um estudo com o objectivo de analisar as políticas públicas destinadas ao espaço rural implementadas logo no período pós-independência em Moçambique, constatando que as mesmas dão prioridade, desde o início (1975), a

agricultura fomentada em grandes propriedades em detrimento da pequena produção familiar. Os resultados indicam que as transformações socioeconómicas e políticas que sucederam após o início da abertura política deram subsídios para a criação, em 1987, do Programa de Extensão Agrícola Público, resultando em um novo direccionamento das políticas públicas, as quais passaram a contemplar o segmento dos agricultores familiares. Deste modo, o Programa de Extensão Agrícola pública, que opera no distrito de Boane a mais de duas décadas, se constitui um grande instrumento político-constitucional capaz de trazer efeitos positivos no desenvolvimento agro-pecuário dos pequenos produtores, mas, no entanto, sua abrangência e os estímulos económicos oferecidos a esta categoria de produtores se figuram bastante ineficientes.

#### **2.4. Problemática**

Os estudos sobre o associativismo agrícola no mundo procuram compreender o papel das políticas públicas no apoio aos pequenos agricultores filiados nas associações agrícolas. Esta literatura permite perceber que a participação do Estado, no associativismo agrícola, é fundamental para o desenvolvimento da cooperação agrícola, por meio da implementação de políticas públicas capazes de viabilizar as novas formas de produção agrícola. Estes estudos apresentam lacunas por não explicar com profundidade as experiências das pessoas que entram na associação relacionadas com a prática da agricultura e relações estabelecidas entre os membros da associação. Diante desta lacuna, pretendemos desenvolver um estudo que busca explorar as experiências e trajetórias dos membros da associação em Moçambique.

A literatura revista sobre o associativismo agrícola na África Austral aborda sobre o papel do das associações na erradicação da pobreza nas comunidades rurais. A literatura permite perceber que a acção colectiva entre os pequenos agricultores é um complemento necessário para minimizar a fome nas comunidades no continente Africano.

Em Moçambique, a literatura revista sublinha o papel das associações agrícolas no desenvolvimento local. Esta literatura permite perceber que as associações agrícolas constituem uma estratégia de desenvolvimento comunitário, e que elas jogam um papel relevante no desenvolvimento do meio rural, e que também o associativismo no sector agrícola tem sido o apelo governamental e das ONG ao agronegócio, que constituem o



incentivo na prática de uma “agricultura comercial” em contraste a “agricultura de subsistência”.

Este trabalho surge pelo facto desta literatura considerar que a entrada de pessoas na associação muda as abordagens na prática da agricultura. A mesma explica que uma agricultura associativa, virada para o mercado faz com que as pessoas deixem as suas antigas práticas para aderir a novas. Da pesquisa exploratória feita por mim, percebi que ao entrarem na associação as pessoas não mudam das suas antigas práticas, mas sim, verifica-se uma continuidade e transformação.

Nessa abordagem adoptou-se a ideia de continuidade social apresentada por Sahlins (1997) segundo a qual em contexto de mudança, uma determinada sociedade tenderá a ajustar-se as novidades às lógicas pré-existentes, o que pode garantir continuidade social.

A abordagem antropológica em torno de associações agrícolas tem-se focalizado na análise dos diversos aspectos que envolvem a sua prática nas comunidades, havendo, grosso modo, traços comuns e diferenças no contexto da sua prática bem como dos seus praticantes. É desta forma que, nesta parte de trabalho propõe-se fazer uma reflexão sobre experiências de associativismo agrícola.

### **3. Metodologia**

Este capítulo apresenta a metodologia usada para a elaboração deste trabalho. O trabalho de campo foi realizado com base nas experiências das pessoas que aderiram a associação agrícola 25 de Setembro, no bairro de Infulene na Província de Maputo.

A escolha do bairro de Infulene como local da pesquisa surge pelo facto de ser considerado um lugar onde agricultura tem sido uma actividade básica da maioria das famílias que residem neste local. E também escolhi o bairro pelo facto de existir associações agrícolas e também por ser um lugar de fácil acesso para a pesquisadora.

O trabalho é do tipo qualitativo com abordagem etnográfico. O método permitiu compreender as experiências destas pessoas que aderiram à associação. O uso da abordagem etnográfico teve utilidade na recolha de dados dada a possibilidade que este oferece na realização de uma pesquisa baseada no contacto directo com os nativos. Para Urpi (2012) o método etnográfico é uma forma de nos aproximarmos da realidade que nos propomos estudar e entender. Num mergulho profundo e prolongado na vida quotidiana desses outros que queremos apreender e compreender.

#### **3.1. Etapas da realização da pesquisa**

O trabalho de campo foi realizado entre os meses de Abril a Maio de 2022 em três etapas a saber: a primeira etapa consistiu na pesquisa bibliográfica, que teve início no mês de Novembro de 2021 e abordava sobre o associativismo agrícola no Mundo, na África Austral e em Moçambique, com base na análise de artigos científicos, publicações diversas feita nas bibliotecas da cidade de Maputo, nomeadamente: Biblioteca Central Brazão Mazula da UEM, Centro de Estudos Africanos, Biblioteca Municipal e por fim Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da UEM.

A revisão da literatura permitiu compreender diferentes abordagens sobre o associativismo no sector agrícola e permitiu fazer uma análise crítica sobre como é abordado o tema. Segundo Carvalho (2019) a revisão da literatura tem a vantagem porque contextualiza o cenário de pesquisa, aponta inconsistências conceituais e incita a realização de novos estudos. Como desvantagem o autor aponta que a revisão da literatura pode criar uma preguiça ao pesquisador e influenciar uma busca de dados que confirmem a teoria dos autores e impedindo a observação de novos factos sociais.

A segunda etapa do trabalho consistiu na recolha de dados e decorreu na Associação Agrícola 25 de Setembro de Infulene, na Província de Maputo. Nesta etapa exploremos as motivações das pessoas ao entrarem na associação, as suas experiências na associação e suas trajectórias na prática da agricultura naquele contexto. A recolha de dados foi feita nos campos agrícolas associação, nos lugares que realizam as reuniões da associação e nas casas dos membros a serem seleccionados para participarem da pesquisa. Na terceira etapa realizou-se a organização e análise dos dados.

### **3.2. Instrumentos de recolha de dados**

Para a recolha de dados foram usadas técnicas de observação directa; entrevistas semi-estruturadas dirigidas aos membros da Associação Agrícola 25 de Setembro. A técnica de observação directa foi importante porque permitiu compreender as relações desenvolvidas pelos membros dentro da associação e de todas actividades desenvolvidas pela associação. Através da observação captamos determinados aspectos da realidade que envolve a associação e a vida dos membros. (Quivy e Campenhoudt, 2003; Marconi e Lakatos, 2003)

A observação directa foi acompanhada de registo em diário de campo. As notas foram escritas no bloco de notas e no telemóvel. No final do dia agrupamos todas notas e fazer o relatório do dia. A partir dos dados do diário de campo, semanalmente realizamos relatórios de pesquisa de campo que foram partilhados com a supervisora.

As entrevistas semi-estruturadas permitiram compreender a vida dos membros antes de ser incorporados na associação e a vida deles dentro da associação. As entrevistas permitiram captar com detalhes a vida dos participantes como membros da associação e como pessoas que praticam agricultura naquele bairro. A entrevista semi-estruturada é uma das técnicas de colecta de dados frequentemente utilizados nas ciências sociais. Segundo Gil (1987) a entrevista semi-estruturada é uma técnica que supõe que o pesquisador faz perguntas pré-estabelecidas que considera principais a partir de uma relação fixa de perguntas, podendo elaborar novas perguntas que tornem as respostas mais completas.

As técnicas de pesquisa foram complementadas com o diário de campo e uso do telemóvel no registo de informações. Estas técnicas compõem o método qualitativo que é uma das identidades da antropologia (Velho, 1978: 1).

### **3.3. Acesso aos informantes**

Para ter acesso aos informantes da pesquisa solicitamos autorização da estrutura local, apresentando credencial fornecida pela UEM, e de seguida nos apresentamos na estrutura da associação para pedir permissão na realização da presente pesquisa. Para a pesquisa foram privilegiados seguintes perfis de informantes: pessoas que entraram na associação no momento da sua fundação; pessoas que habitam no bairro de Infulene a mais de 10 anos. Esta selecção dos informantes permitiu obter informações que ajudaram na construção de história de formação da associação. A comunicação com os membros da pesquisa foi feita em língua Xi-Rhonga e portuguesa. Os dados recolhidos em língua Xi-Rhonga foram traduzidos para português.

### **3.4. Análise dos dados**

A análise dos dados foi feita com base nas respostas fornecidas pelos informantes em três fases. Primeiro, transcrevemos as informações fornecidas pelos informantes, agrupamos as respostas similares e contraditórias dos informantes. Segundo, organizamos as respostas de acordo com as perguntas feitas. Esta fase permitiu seleccionar informações consideradas essenciais para a pesquisa. E por fim, realizamos a leitura, a interpretação e análise das informações recolhidas.

### **3.4. Considerações éticas**

Ao longo da investigação houve uma preocupação com as questões de natureza ética, dado que tratou-se de um estudo que implica abordar sobre identidades de pessoas, por isso houve a necessidade de protegê-las. No entanto, o estudo pautou pelo consenso informado, onde antes de iniciar com a pesquisa consultamos aos informantes sobre a sua participação na pesquisa, com o objectivo de estabelecer uma relação de trabalho que foi benéfica para todas as partes envolvidas. Dalberio (2008) afirma que na pesquisa científica deve considerar-se os aspectos de natureza ética, havendo consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo, para o autor, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia.

E sobre a anonimidade, antes de iniciarmos com a nossa pesquisa consultamos aos nossos informantes se desejavam permanecer anónimos ou receber reconhecimento no trabalho. Antes de iniciarmos a pesquisa, informamos com antecedência toda informação útil para os informantes e isso permitiu uma boa convivência com os informantes (AAA, 1996).

Sobre a confidencialidade, nesta pesquisa garantimos que a pesquisa não prejudicasse a segurança, dignidade ou privacidade das pessoas com quem trabalhamos. As identidades das pessoas que participaram foram protegidas, e a informação que recolhemos não causou qualquer tipo de transtorno ou prejuízo. Entretanto, a associação em estudo tem uma estrutura, por isso, apresentaremos uma credencial a solicitar a autorização para a realização deste projecto de investigação (Bogdan e Biklen 1994).

### **3.5. Constrangimentos do trabalho de campo e superação**

Na realização do presente trabalho deparei-me com três constrangimentos. O primeiro constrangimento foi a dificuldade em localizar os participantes da pesquisa, uma vez que os mesmos vivem em bairros diferentes. Para superar essa dificuldade combinava dias específicos em que os participantes estariam nas suas casas.

O segundo constrangimento foi a dificuldades para interagir com os membros da associação, uma vez que era a minha primeira entrada para realizar o trabalho de investigação. Para superar este desafio solicitei alguns familiares que já tinham conhecidos em Infulene para que me ajudassem a criar contactos que podiam facilitar-me o processo da entrada na associação. Os contactos que criei a partir dos meus familiares ajudaram-me a ter acesso ao campo de pesquisa e conseguir várias informações para esta pesquisa.

O terceiro constrangimento foi que os participantes não aceitavam realizar entrevistas colectivas, optando sempre pelas entrevistas individuais. Para superar essa dificuldade falei com o presidente da associação, este mobilizou aos membros da associação para colaborarem na realização das entrevistas colectivas. Deste modo, os membros aceitaram conceder entrevistas colectivas.

### **3.6. Caracterização da área de estudo**

Os dados desta pesquisa foram recolhidos junto dos membros da Associação Agrícola 25 de Setembro, Infulene na província de Maputo. A associação localiza-se no bairro de Infulene, na cidade da Matola, província de Maputo, no sul de Moçambique. As machambas onde os agricultores exercem as suas actividades estão localizadas no vale de Infulene, uma área tida como fértil para a prática da agricultura (Sitoe, 1987).

O vale de Infulene resulta da ramificação do rio Incomáti, próximo à sua foz. O riacho que conforma esta baixa (o vale do Infulene) tem o nome de Mulauza e corta vários

bairros periféricos das cidades de Maputo e Matola, numa extensão que ultrapassa 15 km, antes de desaguar na baía de Maputo.

Os solos na zona baixa do vale do Infulene são pesados e pretos (solos aluvionares), sendo por isso, difíceis de trabalhá-los à mão. O aproveitamento da zona baixa para a actividade agrícola realiza se em ambas as margens do riacho, numa extensão longitudinal que raramente ultrapassa 500 metros do riacho (Idem, 1987). No vale de Infulene as actividades agrícolas decorrem principalmente no período de inverno (entre Abril e Julho), onde as temperaturas são apropriadas para as culturas praticadas - as hortícolas (Idem).

#### **4. Análise e interpretação dos dados**

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa, interpretação e análise dos dados sobre “Experiência de associativismo agrícola, entre um grupo de membros da Associação Agrícola 25 de Setembro, Infulene na província de Maputo”. O capítulo está organizado em cinco sub-capítulos, a saber, i) o perfil das pessoas que foram entrevistadas nesta pesquisa e que são membros da associação 25 de Setembro; ii) processo de criação da associação; iii) vida dos membros antes de entrarem na associação; iv) motivação dos membros na entrada a associação; v) práticas introduzidas na vida dos membros na entrada a associação. Iniciaremos com análise e interpretação dos dados do perfil dos membros da associação.

##### **4.1. Perfil dos participantes da pesquisa**

No total participaram nesta pesquisa 13 pessoas, sendo sete (7) mulheres e seis (6) homens. As suas idades compreendiam entre 24 a 67 anos. A maioria dos membros entrevistados tem um agregado familiar constituído por mais de cinco (5) pessoas.

No que diz respeito a escolaridade, os entrevistados possuem um nível de escolarização que varia do nível primário ao nível secundário, distribuídos do seguinte modo, três membros afirmaram não possuir nenhuma instrução escolar formal, seis membros afirmaram possuir nível primário e quatro possuem nível secundário. Fazendo uma análise destes dados, podemos concluir que os membros têm um nível de escolarização baixo.

No que diz respeito ao rendimento, os dados permitem concluir que o rendimento dos membros entrevistados é proveniente da produção agrícola, visto que na Associação 25 de Setembro a produção é virada para o mercado. Há ainda membros que possuem outras fontes de rendimento, ou famílias que tem algum membro no seu agregado que pratica uma actividade remunerável, para além da agricultura.

Em resumo este sub-capítulo apresentou o perfil dos entrevistados, que são membros da associação. O subtítulo mostra que os membros da associação são pessoas que vivem na base da agricultura. Foi possível notar que os membros possuem um nível de escolaridade baixo, o que permite perceber que eles enfrentam dificuldades para terem acesso ao mercado de emprego e agricultura tem sido a base da sua subsistência. No subtítulo a seguir abordamos sobre o processo da criação da associação.

#### **4.2. Processo de criação e constituição da associação**

De acordo com o presidente da associação, a Associação 25 de Setembro foi criada em 1983 no dia 25 de Setembro, com a exortação do primeiro Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, sendo atribuído o mesmo nome por coincidir com a data da sua criação. O presidente Samora Machel criou a associação 25 de Setembro por considerar que aquele espaço contribuiria para o benefício da população local e fazer o uso daquele espaço para poder combater a fome.

O sistema de regadio de Infulene foi instalado numa área onde as populações já praticavam as suas actividades agrícolas. A agricultura era praticada em sistema de sequeiro em moldes individuais, mas com a instalação do regadio, alguns membros que antes praticavam a agricultura de sequeiro, passaram à agricultura irrigada.

Alguns camponeses, passaram a ter duas ou mais parcelas, sendo uma no regadio e outra no local onde anteriormente praticavam a agricultura de sequeiro. As populações, que inicialmente praticavam as suas actividades no local onde foi instalado o regadio, beneficiaram automaticamente do sistema de regadio e assim foram considerados membros da associação.

A Associação regantes de Infulene possui estatutos aprovados e publicados no Boletim da República, pelo que ela é reconhecida juridicamente como uma entidade com personalidade própria, o que lhe facilita assinar acordos com várias instituições interessadas em apoiar. A associação funciona com base nos seguintes órgãos: Assembleia-Geral (AG), Comissão de Gestão (CG) e Conselho Fiscal (CF).

A Assembleia-geral é o órgão superior da associação constituída pela reunião de todos associados, sendo as suas deliberações obrigatórias. Neste organograma cada associado tem direito a voto, sendo assim, a Assembleia-geral delibera por maioria de votos dos associados presentes ou representados, nenhum associado poderá representar mais do que um sócio. A convocação da Assembleia-geral é feita por aviso aos associados afixados na sede da associação.

A convocatória deve constar sempre a ordem dos trabalhos, hora e local de reunião em primeira e em segunda convocação. Nesta perspectiva, a convocatória da Assembleia-Geral deverá ser obrigatoriamente feita a pedido da comissão de gestão, do conselho fiscal ou de um terço pelo menos dos associados.



A associação está estruturada de seguinte forma: Presidente, Henriques Guambe; Vice presidente, Pedro Chissano; Secretário, Luís Arlindo Majate; Chefe de produção, Augusto Macucua; Chefe das valas, Elias Chivecua; Conselho fiscal, José Florindo, Tesoureiro; Luís Guambe, Conselheiros; Gabriel Mate e David Maunde.

A associação tem 68 membros, dos quais 42 mulheres e 26 homens, com a idade compreendidas entre 24 a 80 anos. Segundo um dos membros da associação a entrada na associação é voluntária e tem como requisito o pagamento de quotas.

Em resumo este sub-capítulo apresentou o processo de criação e constituição da associação. O sub-capítulo mostrou que a criação da associação está ligada a um processo histórico, uma vez que a sua criação tem as suas razões com base nas estratégias de desenvolvimento adoptada pelo Estado no âmbito da política de socialização do campo (Van Vugt, 2002). No subtítulo a seguir apresentamos o modo de vida dos membros antes da entrada na associação.

#### **4.3. Modo de vida dos membros antes de entrar na associação**

Neste sub-capítulo descrevo como era a vida dos membros da associação antes de entrarem na associação. Este exercício permitiu compreender alguns aspectos descritivos da vida destas pessoas. Antes de serem membros da associação dedicavam-se a prática de agricultura como principal actividade do sustento familiar, mas também faziam outras actividades complementares, como empregados domésticos, serralheiros mecânicos, electricistas, técnicos electrónico, vendedores e “biscateiros”. Algumas destas pessoas são provenientes de outras províncias, e chegaram a Maputo a procura de melhores condições de vida. Entrevistado 4, de 59 anos de idade, afirmou:

*Eu nasci na província de Inhambane e cheguei aqui em Maputo em 2004 com a minha esposa e meus filhos a busca de melhores condições de vida. Desde que cheguei aqui vivo na base da agricultura, e sempre foi a principal fonte de rendimento na minha família. Para além de ser agricultor, trabalho como electricista, uma prática que aprendi com meu pai e não tive que ir a escola. Há pessoas que me procuram para concertar um problema de electricidade nas suas casas.*

O entrevistado 4 mostrou que não é nativo da província de Maputo, mas proveniente da província de Inhambane facto que o coloca numa posição de ser integrado no local de

chegada e os seus desafios. Para este, a agricultura sempre foi a sua fonte de subsistência, e quando chegou em Maputo continuou exercendo a mesma actividade. Mas para além da prática da agricultura o entrevistado mostrou ter outras experiências, como de electricista que também tem o ajudado a custear algumas de suas despesas e de sua família. Loforte (1987) refere que as pessoas que imigram do local de origem para o de chegada encontram novas formas de se adaptar ao novo meio, mas também continuam a desenvolver actividades que praticavam na zona de origem. Entrevistado 2, de 61 anos de idade, referiu:

*Nasci na província de Gaza, e cheguei aqui em Maputo em 2002, primeiro comecei por viver em Matola, durante seis meses, mas depois vim estabelecer a minha residência aqui em Infulene. A principal coisa que faço para sustentar a minha família é cultivar. Antes de ir na associação trabalhava em um supermercado e manuseava a máquina empilhadora, mas perdi o emprego tive sorte de ser convidado para fazer parte da associação.*

Durante a conversa com o entrevistado 2, explicou-me que nasceu na província de Gaza e chegou a Maputo em 2002. Este explicou também que quando chegou em Maputo trabalhou como maquinista de empilhadora em um supermercado. Estes dados mostram que para além da agricultura os nossos entrevistados possuem outras experiências, o que possibilita terem meios de subsistência. Vieira (2012) argumenta que os agricultores não são estáticos, mas são estratégicos quando trata-se de procurarem meios de subsistência. Não só depende da prática da agricultura mas eles buscam outros meios que permitem uma base para a sua sobrevivência. Entrevistado 3, de 67 anos de idade, notou:

*Antes de entrar na associação eu fazia muita coisa, como serralharia mecânica, electricista e técnico electrónico. Estas são actividades que domino desde criança. Na minha casa meu pai e meus tios tinham formações em áreas como engenharia mecânica, informática, e eu aprendi com eles, só não tive oportunidade de me formar como eles.*

O entrevistado 3 mostrou que antes de entrar na associação trabalhava em muitas áreas, como serralharia mecânica, electricidade. Estas experiências permitiam que sustentasse a sua família. A prática de agricultura sempre foi uma prática que o nosso entrevistado

conciliou com outras actividades. Para Moura, a agricultura tem sido a principal base de subsistência da maioria das pessoas que vivem em zonas rurais, mas é possível localizarmos outras actividades complementares que garante um meio seguro de sobrevivência destas pessoas. Para autora, isso mostra que estas pessoas são dinâmicas, se reinventam e se adaptam em várias circunstâncias que caracteriza a vida delas. Entrevistado 5, de 64 anos de idade, revelou.

*Eu sempre trabalhei como vendedor ambulante, mas nem sempre me rendia. Por isso, chegou um momento que eu fui a África do Sul para procurar formas de viver. Nunca é fácil, mas tudo requer sacrifícios. Na África do Sul trabalhei na área da agricultura, é uma coisa que eu gosto.*

O entrevistado 5 revelou que era vendedor ambulante, depois foi trabalhar na África do Sul nas machambas que ele chama de *maplacine* e, quando regressou preferiu entrar na associação dar continuidade com o mesmo trabalho. Entrevistado 13, de 48 anos de idade contou:

*Eu nasci na província de Niassa, trabalhei em muitas empresas relacionadas a agricultura, cheguei em Maputo em 2005. Antes de trabalhar na associação, eu vivia de biscatos, há dias que me chamavam para trabalhar como pedreiro, eu ia, porque não tinha escolha. Quando você não tem emprego não tem como recusar. As vezes ajudava algumas pessoas a cultivar nas suas machambas. Em 2013 chamaram-me para fazer parte da associação e desde lá esta actividade tem sido base da minha subsistência.*

O entrevistado 13 partilhou a sua experiência e sua trajectória até chegar na associação. Com o depoimento deste entrevistado foi possível perceber que este tem experiência na área de agricultura, tendo trabalhado em empresas ligadas a essa área. Contudo, quando chegou em Maputo, em 2005, começou a viver de biscatos que lhe permitiu ter base para a sua subsistência, mas que sempre a prática da agricultura tem sido a sua principal actividade. Entrevistado 11, de 57 anos de idade, sublinhou:

*Eu nasci aqui mesmo na província de Maputo, no distrito de Manhiça. Sempre vivi de agricultura, tive essa experiência com a influência da minha mãe, ela tinha muitas machambas em Manhiça e também quis*

*seguir a trajetória da minha mãe. Cheguei no bairro de Infulene em 2013, e logo que cheguei consegui ter acesso a machamba no vale de Infulene. Tive ajuda da minha irmã e consegui entrar na associação com a ajuda dela.*

Em resumo este sub-capítulo apresentou as dinâmicas da vida dos agricultores antes da formação da associação, onde percebi que agricultura emerge como a principal actividade para o sustento das suas vidas combinada com outras actividades. As actividades vão desde electricistas, empregados domésticos, vendedores, mecânicos e “biscateiros”. A agricultura praticada por eles tinha como foco o auto consumo e a venda era feita sempre que tinham maiores excedentes para tal. Neste caso, antes da formação da associação os participantes desenvolviam várias actividades que permitiam a sua auto-reprodução.

#### **4.4. As motivações dos membros na entrada a associação**

Neste subcapítulo mostro as motivações que levaram os membros a aderirem a associação. Os entrevistados desta pesquisa mostraram que a entrada na associação foi movida pela expectativa de terem ganhos pertencendo a associação, uma vez que praticar agricultura por si só requer muito investimento e entrando na associação encontram facilidades para terem insumos agrícolas, água para irrigação. Entrevistado 3, de 57 anos de idade, afirmou:

*Eu entrei na associação como forma de conseguir ter ajuda, porque antes produzia a depender só de sequeiro, e não conseguia produzir e ter produtos que chegavam para alimentar a minha família e vender, e era muito difícil cultivar, agora na associação tenho apoio.*

O entrevistado 3 afirmou ter aderido á associação como forma de melhorar as condições de vida pessoal bem como para a sua família. A associação aparece para este agricultor como uma fonte de rendimento que garante a subsistência do mesmo. Este assume que fez parte da mesma, para se beneficiar das vantagens que a associação oferece.

Um estudo realizado por Langa (2013), sobre a análise do papel das associações para os membros, considera que os membros das associações enfrentam menos dificuldades no processo produtivo comparado com os que não são membros das associações.

Entretanto, os agricultores são conscientes das vantagens que o associativismo proporciona, o que de certa forma se manifesta na aderência as associações porque as associações são importantes na criação de facilidade para obtenção de vários recursos agrícolas. Entrevistada 8, de 57 anos de idade, referiu:

*Quando me chamaram para fazer parte da associação, eu não pensei duas vezes, porque sabia das oportunidades que lá podia conseguir... Vi que na associação as pessoas vivem uma vida boa, têm acesso a muitas coisas. Antes eu tinha muito sofrimento na minha vida, para a minha casa acabar tinha que entrar [na associação] para salvar este sofrimento da minha família.*

O entrevistado 8 enfatizou que entrou na associação a busca de melhores condições de vida, entretanto, a percepção de “boa vida” que o associado faz referência, nos remete para um conjunto de oportunidades contextuais que visam essencialmente a satisfação das condições de vida, a possibilidade de prover alimentação suficiente para os seus dependentes, capacidade reunir recurso para a escola dos seus filhos. De acordo com Manhiça (2019) as associações permitem alcançar ganhos socioeconómicos que por sua vez contribuem para o bem-estar individual e familiar, facto que seria de difícil alcance a título individual. Entrevistada 10, de 57 anos de idade, notou:

*Logo que falaram da criação da associação eu aceitei, porque sabia dos benefícios que encontraria lá. Aceitei entrar na associação para ajudar a minha família, porque quando trabalho na associação vou conseguir produtos que vão ajudar na alimentação, e vai ajudar em ter outros produtos para vender. Para além de ajudar a mim, e a minha família ajuda a comunidade também, porque o que produzimos vendemos.*

A entrevistada 10 mostrou a importância da associação na sua família e na sua comunidade. Para este entrevistado, a associação permite-lhe conseguir bases para sustentar a sua família e também para vender, o que acaba sendo um ganho para a comunidade.

Sitoi (2013) sustenta que a associação desempenha um papel fundamental no processo democrático, visto que constitui a característica da associação a criação de condições iguais para todos os membros salvaguardando a igualdade de oportunidade, neste

sentido a associação aparece como um mediador entre o indivíduo e o Estado. A Entrevistada 10 mostrou a importância da associação na sua família e comunidade.

De referir que para além dos aspectos levantados pelos entrevistados deve-se frisar a existência de membros na associação ligadas a agricultura nesta zona de Infulene ser uma actividade de domínio dos residentes e, a insuficiência de oportunidades que permitem criar de fontes de rendimentos, daí que a associação garante a sua sobrevivência.

Para alguns membros, a sua motivação para entrar na associação deveu-se ao facto da agricultura ser a única actividade que sabe exercer, na qual já tinha adquirido uma larga experiência, a machamba da associação é como se fosse uma fonte de emprego, que permite ter algum rendimento no final de cada campanha agrícola. Foi possível notar que existe apoio social entre os membros da associação. Paulo (2020) refere que as associações agrícolas desempenham um papel fundamental na vida dos membros, pois fornece material agrícola e consegue unir pessoas de proveniências diferentes. O autor sublinha que existe reciprocidade entre os membros do grupo, para o bem-estar da comunidade no geral. O entrevistado 4, de 59 anos de idade, revelou:

*Aqui há espírito de ajuda entre os agricultores, porque nós conseguimos ajudar uns aos outros como uma família. Entre nós conhecemo-nos, o meu caso, eu sou de Inhambane, cheguei aqui em 2004 a busca de condições de vida, mas aqui tenho muita família em relação a aquela família de Inhambane, que eu deixei lá.*

O entrevistado 4 revela que existe laços de familiaridade entre os membros. A ajuda mútua permite que os membros obtenham ajuda sempre que precisarem. Assim, as vantagens da associação comportam tanto a dimensão material bem como a vertente social, criando de certa forma laços de pertença e familiaridade entre os membros.

Tendo em conta as especificidades do local, as associações desempenham um papel social, que consiste essencialmente no desenvolvimento de relações sociais, que, através das redes sociais de solidariedade, estabelecidas entre os associados, reforçam as condições económicas e sobretudo o aumento de oportunidades de emprego.

Para Leonello e Cosac (2001:15) o associativismo constitui um elemento histórico para melhorar a qualidade da existência humana, ou seja, para melhorar as condições de vida dos indivíduos de um determinado local, pois faz com que a troca de experiências e a convivência entre as pessoas se constituam em oportunidade de crescimento e desenvolvimento das pessoas e de uma população, sob todas as suas dimensões.

O entrevistado 4 contou:

*O que me levou a ser membro da associação foi por ter gostado do trabalho que existe lá, então ali adquiri experiência de actividade agrícola, nunca tive vontade de fazer outro trabalho diferente daquele que já tinha aprendido e, até hoje prefiro manter aqui na associação, trabalhando até a minha morte.*

O entrevistado 4 mostrou ter preferência pela prática da agricultura. Essa preferência é determinada pelo ambiente em que as pessoas crescem, na medida em que, durante o crescimento as pessoas são lhes inculcidos gostos e práticas de actividades agrícolas.

A associação foi criada para os residentes de Infulene para se beneficiarem do sistema de regadio. De notar que vários camponeses residentes em Infulene, que praticam actividade agrícola de sequeiro noutras áreas foram afiliando-se a associação por vários motivos, dentre os quais, a melhoria de nível de vida, que na óptica desses mesmos significa alimentação e garantia de acesso aos serviços básicos.

De acordo com Pedroso (2006) as associações agrícolas servem como um instrumento de luta para os pequenos produtores, podendo proporcionar a permanência na terra, elevação do nível de renda e a participação como cidadãos. Uma associação não é somente uma organização de pessoas com objectivos comuns, mas sim uma organização mais complexa com objectivos também de carácter social, desempenhando importantes e complexas funções por meio de estatutos e regimentos. O entrevistado 3, de 67 anos de idade, sublinhou:

*O que me fez entrar na associação foi o sentimento de melhorar a minha situação familiar, tive que entrar na associação juntamente com os meus irmãos para juntos fazermos algo para sustentar os nossos filhos em casa, assim entrei na associação.*

Os nossos dados permitem perceber que a associação constitui uma das poucas fontes de rendimento para a maioria dos membros. A produção obtida na associação serve para a subsistência e restante da produção para vender. No entanto, a associação desempenha um papel importante na vida dos agricultores. Por isso entendemos que os agricultores entram para associação para melhorar a sua vida. De acordo com Sioi (2013), a associação enquanto uma organização desempenha um papel relevante, pois permite o desenvolvimento das relações sociais. Através do estabelecimento de redes sociais de solidariedade, inter-conhecimento, reciprocidade entre os membros, muito mais que isso nas relações entre os membros prevê-se o reforço das condições económicas e aumento das oportunidades que a associação proporciona a vida dos seus membros.

#### **4.5. As práticas novas na vida dos membros da associação**

Ao entrarem na associação os membros beneficiaram de vários recursos de natureza agrícola. O primeiro benefício que os membros tiveram, foi o sistema de regadio. Antes de entrarem na associação os membros disseram que tinham dificuldades para irrigar as suas machambas, mas ao entrarem na associação tiveram acesso a motobombas, como podemos perceber com a entrevistada 9, de 38 anos de idade, explicou:

*Antes de eu entrar na associação tinha muitas dificuldades, não conseguia ter acesso de água, mas logo que entrei na associação consegui ter acesso a máquinas para irrigação. Foi muito bom ter entrado na associação, porque não era fácil praticar agricultura fora dela.*

A entrevistada 9, mostrou a vantagem que teve ao entrar na associação, pois na sua entrada passou a ter acesso a água para a irrigação nas suas machambas, um aspecto que tinha dificuldade antes de entrar na associação. Na entrada a associação, os membros passaram a cultivar a mandioca, tomate, feijão, repolho, couve, alface, onde cada membro possuía uma parcela com duas a quatro culturas. Alguns entrevistados explicaram que só passaram a cultivar essas culturas quando entraram na associação, sendo uma novidade para elas.

Para Canterle (2004), as associações instrumentalizam os mecanismos que concretizam as demandas sociais e que tornam os homens mais próximos da busca de autonomia na promoção do desenvolvimento local. Desta forma, cria um tecido flexível mediante o qual se enlaçam distintos actores, produzindo um todo harmónico que culmina no



estabelecimento de uma comunidade de interesses, em uma estrutura que deve ser ajustada para reflectir os padrões de comunicações, inter-relações e cooperação, reforçando a dimensão humana. A entrevistada 8, de 42 anos de idade, afirmou:

*Quando entrei lá comecei a cultivar várias coisas, como repolho e tomate, coisas que não cultivava antes. Antes da entrada na associação, as minhas machambas só cultivava milho, alface e cebola.*

A entrevistada 8 mostrou os ganhos que a associação trouxe para sua vida. Para ela, ao entrar na associação passou a ter benefícios para a prática da agricultura. Para a nossa entrevistada, antes de entrar na associação encontrava dificuldades para cultivar certas culturas, e entrar na associação teve acesso a outras culturas. Ferrinhos (1997) afirma que as associações agrícolas revelam-se de crucial importância pelo papel que esta actividade desempenha no fomento da economia e consequentemente na melhoria do nível de vida das comunidades locais. O autor defende que as cooperativas e associações agrárias são chamadas a desenvolver um papel preponderante na promoção da economia local e no desenvolvimento como é o caso de Moçambique. Entrevistado 6, de 45 anos de idade, referiu:

*Quando entrei na associação passei a ter água para regar as minhas machambas. Quando passei a praticar a agricultura com acesso a água havia melhorado a minha produção e tinha vantagens de ter produtos para alimentação familiar e para vender.*

O entrevistado 6 revelou que entrou na associação passou a ter benefícios de vários recursos de natureza agrícola. Este fala da importância de ter tido acesso a água para irrigação, um recurso que antes da entrada na associação era difícil. De acordo com Supe (1999) as associações de camponeses contribuem para a segurança alimentar dos membros, fazendo com que os bens disponíveis sejam comercializados. Pela sua natureza particularmente e como regra as associações de camponeses dispõem de um estatuto jurídico próprio, conferido por legislação específica, ou então enquadram-se num determinado código civil sobre organizações. A entrevistada 1, de 43 anos de idade, notou:

*Na associação distribuíam-nos sementes e outros produtos para evitar pragas nas nossas machambas. Era diferente porque nós não comprávamos uma vez que traziam para nós. Isso é muito significativo para nós, porque a nossa vida agrícola é fácil.*

A entrevistada 1 mostrou que ao entrar na associação foi distribuída sementes e fertilizantes, tractores para prática agrícola. A nossa entrevistada mostrou que esses benefícios foram úteis para a sua vida. Uma vez que os benefícios encontrados na associação permitem-lhe praticar uma agricultura comercial, onde para além de cultivar para alimentação familiar passou a praticar agricultura virada para o mercado. Frantz (2002) sublinha que as actividades associativas são vistas como alternativa de sustentabilidade social e a força estratégica capaz de melhorar as condições locais de vida das pessoas e de uma população, sob todas as suas dimensões.

Antes da entrada na associação a produção dos membros tinha como foco o auto-consumo e as vendas eram feitas sempre que tivessem excedentes suficientes para tal, mas com a entrada na associação beneficiaram-se de novos recursos, o que permitiu terem maiores excedentes para vender e alimentação. Entrevistado 2, de 60 anos de idade, revelou:

*Na associação foi muito diferente, lá conseguíamos coisas que nos ajudavam no cultivo. Antes, eu só cultivava para a minha família, e era muito difícil ter uma produção para vender, mas quando fui na associação foi melhor.*

O entrevistado 2 enfatiza que antes da formação da associação os agricultores tinham dificuldades para a produção e comercialização e a sua entrada na associação serviu como uma oportunidade para alavancar a sua produção e vender. Ao entrarem na associação os membros beneficiaram de vários recursos de natureza agrícola, o que lhes permitem praticar uma agricultura comercial. Zandamela (2011) argumenta que a associação traz vários benefícios aos membros. Para este autor, a associação permite que essas pessoas tenham vários recursos para a prática da agricultura, o que torna difícil ter acesso quando trabalham por si só. O autor nota que há uma necessidade do governo promover estas iniciativas porque trazem muitos benefícios para a comunidade e permite um desenvolvimento local.

Em resumo, este sub-capítulo discutiu a forma como as pessoas entraram na associação, e aos benefícios que tem de acesso á vários recursos de natureza agrícola. Alguns membros eram biscateiros antes de entrarem na associação. Esses dados permitem contrariar a ideia segundo a qual, a entrada das pessoas na associação, onde passam a praticar uma agricultura associativa, virada ao mercado, as mesmas deixam as práticas antigas para aderir novas.

#### **4.6. Percepção dos moradores sobre a associação**

Os moradores do bairro de infulene também deixaram comentários sobre a importância da associação para a comunidade. Para um dos moradores entrevistados, a associação tem muita importância para a comunidade, porque para além de trazer um desenvolvimento para a comunidade contribui também para a coesão social. Entrevistado 1, de 54 anos de idade disse:

*Eu sou morador deste bairro a 15 anos, e eu cresci vendo aquela associação. É uma associação que tem trazido vários ganhos para a nossa comunidade. Os produtos cultivados são de muita qualidade. Temos oportunidade de ter aqueles produtos a bom preço. Nos vendem a um bom preço e são de boa qualidade.*

O entrevistado 1 mostrou que na associação tem sua comunidade. Para este entrevistado, a existência da associação naquela comunidade é um ganho, porque traz um desenvolvimento e coesão social. Castro (2016) afirma que a associação representa um local preponderante para a vida da comunidade. O autor incentiva a prática de associativismo agrícola pelos benefícios que oferece para os membros e para a comunidade. A entrevistada 2, de 70 anos de idade contou:

*Eu sou antigo neste bairro. Quando a associação foi criada eu estive lá, só que nunca quis fazer parte da mesma porque sempre tive as minhas ocupações. Desde que a associação foi criada ela tem desempenhado um papel preponderante na luta contra a fome. Quando é tempo de colheita, eles sempre nos chamam para comprarmos certos produtos, e a coisa que mais gosto é porque os preços tem sido bons, por isso eu sempre apoiei essa ideia da associação porque as pessoas conseguem trabalhar eficazmente quando reúnem as suas forças.*

A entrevistada 2 mostrou que a associação tem desempenhado o papel fundamental na luta contra a pobreza naquela comunidade. Esta enfatiza a importância do trabalho em equipa que ajuda na organização das tarefas, o que permite uma maior produção. Silva (2017) refere que o associativismo agrícola também ajuda na luta contra pobreza, isso porque com a existência de uma associação na comunidade sempre existira ajuda mútua, e os produtos cultivados vão ser vendidos na comunidade o que vai diminuir determinados custos e o produto sairá mais acessível. O autor afirma que várias comunidades, como a de Boane, onde tem associações tem apresentado ganhos, porque os produtos comercializados são locais e saem a preço acessível, e ajuda no combate a pobreza. A entrevistada 3 afirmou:

*Eu sempre apoiei a existência destas iniciativas. A associação desempenha um papel importantíssimo. Lá as pessoas estão mais unidas, para além de estarem a fazer trabalho de machamba elas se ajudam, já vi alguns deles reunidos aqui no bairro. A associação é boa porque elas se ajudam e ajudam a nós também, porque temos produtos a bons preços. Tendo a associação não há necessidade de percorrermos vários quilómetros a procura de alimentos, temos aqui perto. E lá, eles produzem em muitas quantidades o que permite alimentar o nosso bairro. É preciso existir mais iniciativas desse género.*

A entrevistada 3 sublinhou o papel social que a associação traz para a comunidade. Para a entrevistada, para além, da associação trazer um desenvolvimento para aquela comunidade também traz uma vida social que ajuda a unir as pessoas que vivem naquela comunidade, porque segundo a entrevistada, as actividades realizadas pelos membros não terminam apenas na associação, também criam actividades que inclui a presença da comunidade, como as feiras realizadas. Paulo (2019) argumenta que a associação é muito importante para a vida social das pessoas. A associação não traz apenas ganhos em termos materiais, mas também permite a existência de reciprocidade entre os membros o que ajuda na coesão social dentro da comunidade.

Durante a pesquisa foi possível notar que para além das actividades realizadas na associação, os membros se visitam e se apoiam em determinadas situações. Um exemplo aconteceu no dia 23 de Setembro de 2021, durante a pesquisa, em que um dos membros, enquanto esteve doente foi visitado por alguns membros. Nesta visita os membros

levaram juntos, vários produtos alimentares para ajudar a família do membro. Este exemplo mostra a existência da reciprocidade entre os membros da associação. A entrevistada 4 contou:

*Eu gosto da associação porque consegue unir as pessoas. Eles conseguem praticar uma boa agricultura quando estão unidos e isso acaba sendo um grande ganho para a nossa comunidade porque vamos ter produtos de qualidade e a um bom preço. E sempre compro produtos provenientes da associação, sempre que preciso de verduras vou para lá. As vezes nos trazem produtos para comprarmos. Eu acho que essas iniciativas deviam existir em todo país porque iam ajudar no combate a fome. Quando Presidente Samora Machel criou aquela associação a ideia era essa, combate a pobreza, mas em alguns sítios não aderem essa iniciativa, acho que o governo devia ajudar mais.*

A entrevistada 4 mostrou a importância da associação para a comunidade. Para a entrevistada, a existência da associação representa um ganho para a comunidade porque permite o combate a fome. Para a entrevistada essa prática é importante porque ajuda as pessoas a terem meios de subsistência. Carlos (2018) afirma que o associativismo agrícola é importante para os pequenos agricultores porque permite terem meio de subsistência. O autor sublinha que a associação permite que o pequeno agricultor tenha produtos para vender e outros para comercializar. E para este autor, há necessidade do governo continuar a incentivar essa colectividade com políticas públicas favoráveis.

## **5. Considerações finais**

Este trabalho teve como objectivo principal compreender as experiências do associativismo agrícola no bairro de Infulene, na província de Maputo, olhando para o processo da entrada dos mesmos na associação, as motivações e os benefícios que encontraram/encontram enquanto membros da associação. O trabalho recorreu as técnicas de observação directa e entrevistas semi-estruturadas aos membros da associação. A pesquisa conclui seis (6) pontos:

Primeiro, as pessoas que aderiram a associação vivem na base da agricultura combinada com outras actividades, como empregados domésticos, serralheiros mecânicos, electricistas, técnicos electrónicos, vendedores e “biscateiros”. Machava (2014) refere que os agricultores, principalmente aqueles que vivem nas zonas rurais, não vivem apenas da agricultura, mas procuram conciliar com outras actividades como parte da sua subsistência. O autor enfatiza a pluralidade de actividades realizadas pelos agricultores.

As pessoas entrevistadas são provenientes de outras províncias de Moçambique, e chegaram a Maputo a procura de melhores condições de vida, apostando na agricultura com base para a sua subsistência no bairro de Infulene devido a falta de emprego decorrente da fraca escolaridade que apresentam e de oportunidades de emprego que possam incluí-las.

Em segundo lugar, o processo de formação e constituição da associação está ligado ao processo histórico, dado que a sua criação tem as suas razões com base nas estratégias de desenvolvimento adoptada pelo Estado, no contexto da política de socialização do campo.

Terceiro, o modo de vida dos membros da associação, antes de entrar na associação, permitiu perceber que a agricultura emerge como a principal actividade, para o sustento das suas vidas combinada com outras actividades. A agricultura praticada tinha como finalidade o consumo e venda do excedente. Na associação os agricultores adquirem meios para alavancar a produção agrícola. Vieira (2017) sublinha que os pequenos agricultores encontram dificuldades para aumentar a sua produção. Essas dificuldades vão desde a falta de insumos agrícolas, como tractores e outros meios, que lhe permite praticar uma agricultura sustentável.

Em quarto lugar, a entrada na associação foi movida pela expectativa de ter remuneração dado que praticar agricultura por si só requer investimento e, entrando na

associação encontram facilidade para ter insumos agrícolas. Ademais, a produção realizada na associação serve para a subsistência e restante da produção para vender. No entanto, a associação desempenha um papel importante na vida dos agricultores, por isso entendemos que os agricultores entram para associação para melhorar a sua vida. Mutemba (2011) mostra que os produtores usam as associações para suprirem dificuldades que não poderiam suportar caso estivessem a operar sozinhos, o que os ajuda a reduzir os custos.

Quinto, ao entrarem na associação os membros têm acesso a vários recursos de natureza agrícola, como regadio, insumos agrícolas, regadores, enxadas, botas. Estes dados permitem perceber que aos entrarem na associação encontra vantagens que lhes permitam praticar uma agricultura virada ao mercado. Manhiça (2019) firma que a introdução das novas práticas permite a mudança de abordagem na prática da agricultura, passando, para além de cultivar para consumo, a cultivar para comercialização.

Em sexto lugar, os moradores do bairro de Infulane para mostraram que a associação é importante, porque contribui para o desenvolvimento da comunidade e ajuda na coesão social, dos moradores e das pessoas que vêm de outras províncias do país.

Esta pesquisa permite contrariar a ideia segundo a qual, a entrada das pessoas na associação, onde passam a praticar agricultura associativa, virada para o mercado deixam as práticas antigas para aderir as novas (cf. Neto, 2009; Araújo, 2010).

Este estudo não pretende ser conclusivo, mas pretende contribuir para que mais trabalhos sejam realizados no sentido de compreender o associativismo na agricultura.

## Referências Bibliográficas

- Adam, Yussuf. 1986. *Cooperativismo em Moçambique e modificação da relação de produção no período colonial*. Tese de licenciatura. UEM, Maputo. CEA/UEM.
- Alegre, Telma. 2012. *Cooperativas agrícolas e desenvolvimento comunitário no distrito de Boane: O caso das Cooperativas 25 de Setembro e Agro-pecuária de Campoane*. [Tese Mestrado em Desenvolvimento Agrário- Ramo de Desenvolvimento Rural]. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Araújo, Aparecida Leal. 2009. Realidade Organizacional das Associações Comunitárias Rurais da Região sul de Montes Carlos. São Paulo/SP 19 a 23 Setembro.
- Cardoso de Oliveira, Ricardo. 2006. “ O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, in O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora UNESP, pp 17-35.
- CANTERLE, Nilsa Maria G. 2004. *O Associativismo e Sua Relação Com o Desenvolvimento*. Francisco Beltrão-PR, Unioeste, Disponível em: <www.unioeste.br>. Acesso em: 20 Julho. 2022.
- Dadá, Yasser e Aiuba, Rabia. 2018. “Investimento Público na Agricultura: o caso dos regadios no corredor da Beira (Vanduzi, Sussundenga, Nhamatanda e Búzi) ”, in Destaque Rural. Maputo: Observatório do Meio Rural, pp. 1-5. Gil, António. 1987. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas S.A.
- Fagotti, Licia. 2017. *Associativismo e Agricultura Familiar: Reflexões sobre uma associação de produtores rurais no interior paulista*. São Paulo: Revista Espaço de Dialogo e Desconexão, Arraraquara. V.9.
- Ferreira, J. 1995. *Sociologia*. Lisboa: Editora Mc. Graw-Hil.
- Fernandes, Florestan. 1973. *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP.
- Jorge, Jorge. 2012. *Papel da Associação Regantes De Mafuiane no Desenvolvimento Comunitário*. Dissertação apresentada para obtenção do grau académico de Licenciatura em Antropologia no Departamento de Arqueologia e Antropologia pela UEM. Maputo, pp.4.



- Kachule .2017. “Microcredit.” *Financial Inclusion in the Malawi* (Third Quarter).
- Manhiça, Hermínio. 2019. *O modelo de agronegócio: uma experiência a partir da “Associação com Enxada na Mão há Vida” de Massaca, no distrito de Boane*. Tese de licenciatura. UEM, Maputo. DAA/FLCS.
- Minayo, M. C. & Sanches, Odécios 1993. “Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade.” *Cadernos de Saúde Publica*, 9 (3): 239-262.
- Mosca, João. 2015. *Políticas Públicas e Agricultura em Moçambique*. Maputo: Escolar Editora.
- Mosca, João. 2015. “Agricultura familiar em Moçambique: ideologias e práticas”, in *Sector Familiar e Desenvolvimento em Moçambique*. João Mosca (coord). Maputo: Escolar Editora, pp 51-98.
- Muteia, Hélder. 2015. “Os desafios da agricultura familiar no mundo”, in *Sector Familiar e Desenvolvimento em Moçambique*. João Mosca, coord. 2015. Maputo: Escolar Editora, p. 17-21. Negrão, José. 2001. “Como induzir o desenvolvimento em África?” Lisboa: CEsa.
- Mubai, Boaventura. 2014. *Serviços de extensão agrária pública ao pequeno agricultor familiar do distrito de Boana – Moçambique*. [Tese de Mestrado]. Brasil: Universidade Estadual de Maringá.
- Nhaurire, Alves Francisco. 2007. *Envolvimento de Camponeses em Associações: Um estudo de caso na associação de Massaca*. Maputo: UEM.
- Pereira, Orlando. 2005. *Políticas públicas e coesão social*. São Paulo: Atlas.
- Quivy, Raymond & Campenhoud, Luc Van. 2003. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, pp.191-197.
- Sahlins, M. (1997). “O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objecto” em via de extinção (parte II)”. *Mana*, 3(2), 103-150.
- SANGALLI, A. 2013. *Assentamento Lagoa Grande, em Dourados, MS: aspectos socioeconómicos, limitações e Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados*.

Sitoe, A. 2005. Agricultura Familiar em Moçambique. Estratégias de Desenvolvimento Sustentável. Maputo: UEM.

Uaiene, Rafael. 2012. “Estrutura, conduta e desempenho da agricultura familiar em Moçambique”, in Em Contributos para o Debate da Agricultura e do Meio Rural. João Mosca, org. 2012. Maputo: Escolar Editora, pp. 49-67.

VALÁ, Salim. 1999. *INDER e Sociedade Civil: que parcerias para o desenvolvimento rural em Moçambique*. UFISC-UEM.

Valá, Salim. 2003. A problemática da posse de terra na região agrária de Chókwe (1954-1995). Promédia: Maputo.

Zaqueu, Flávio. R. 1999. Análise da importância das associações para a obtenção de título de terra. Maputo: UEM.

## **Apêndice**

### **Apêndice 1: Guião de entrevista direccionadas aos membros da associação**

#### **Dados demográficos**

Nome

Sexo

Idade

Nível de escolaridade

Estado Civil

Números de filhos

Morada (Bairro)

Anos de experiência na associação

Anos de experiência na prática da agricultura

#### **4.2.2. Sobre as motivações na entrada dos membros na associação**

Quando é que entrou na associação e passar a ser membro?

Qual é a função que desempenha como membro da associação?

O que é que levou o senhor (a) a entrar na associação?

Quais são as vantagens de ser membro da associação?

Quais são as desvantagens de ser membro da associação?

Qual é a diferença entre ser membro e não ser membro da associação?

Existem grupos de entre ajuda na associação?

Para além das quotas que os membros pagam a associação tem outra fonte de sustentação?

O que pretende alcançar a partir da associação?

Já incentivou alguém a aderir a associação?

#### **4.2.3. Sobre o modo de vida dos membros da associação antes de entrarem na associação**

Como surgiu a associação?

Quais são os objectivos da associação

Que actividades exercia antes de entrar na associação?

Que actividade desempenha na associação?

A associação recebe apoio? Se sim, de quem? Que instituição?

Participa na vida da associação, em outras actividades (reuniões, pagamento de cotas,)

Como ficou sabendo da existência de associação?

Quem te convidou para ser membro da associação?

Antes de entrar na associação onde adquiria os insumos agrícolas?

Qual era a finalidade dos produtos que produzias na sua machamba?

#### **4.2.4. Sobre as práticas introduzidas na vida destas pessoas ao entrarem na Associação**

Algo mudou na sua vida desde que se tornou membro?

Qual é a finalidade dos produtos que são produzidos na associação?

O que é que consegue fazer com o que ganha na venda dos produtos da machamba?

Existem grupos de entre ajuda na associação?

Como é que avalia o nível da associação?

Existem benefícios da associação para a comunidade?

Si sim, quais?

Quem fornece os insumos agrícolas e outros recursos?

Como é que avalia as actividades desenvolvidas pela associação?

#### **Guião de observação**

Observar o que os membros da associação fazem durante as actividades na associação.

Observar algumas práticas e relações entre os membros que podem ser influenciadas pelas suas vivências na associação.

Observar as reuniões e outras actividades desenvolvidas pela associação.